



**IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil**  
**“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015**

**ISSN 1982-3657**

**A Monitoria no Curso de Pedagogia da UFC: Narrativas, Percursos e Itinerários Históricos na Formação Docente**

FLÁVIO MUNIZ CHAVES  
JOSÉ MELINHO DE LIMA NETO  
FRANCISCO ARI DE ANDRADE

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

**Resumo**

Durante a década de 1970 a monitoria se faz presente no curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará. Paralelo ao currículo do curso que formava o especialista, a monitoria despertou interesses dos alunos monitores para o magistério no ensino superior. O presente estudo tem uma abordagem historiográfica. Foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, análise documental e revisão bibliográfica. Na segunda, foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas visando recuperar, por meio de reminiscências, o passado pensado dos sujeitos que participaram daquela experiência didática e institucional. Mesmo com um currículo impositivo da época e voltado para formar o especialista, a monitoria se mostrou mais eficaz na formação do pedagogo para a sala de aula.

Palavras-chaves: Monitoria. Pedagogia. Tecnicismo.

**Summary**

During the 1970s the monitoring is present in the Faculty of Education of the Federal University of Ceará. Parallel to the course curriculum which formed the expert monitoring aroused interests of monitors students for teaching in higher education. This study has a historiographical approach. It was developed in two stages. At first, document analysis and literature review. In the second, we used the technique of semi-structured interviews aiming to recover, through reminiscences, the last thought of the subjects who participated in that didactic and institutional experience. Even with an authoritative curriculum of the season and back to form the expert, the monitoring was more effective in training the teacher to the classroom.

Keywords: Monitoring. Pedagogy. technicality

**Introdução**

Este estudo parte da seguinte questão: qual a importância da monitoria para despertar da função docente no ensino superior?

Durante a década de 1970 a monitoria se faz presente no curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará. Paralelo ao currículo do curso que formava o especialista, a monitoria despertou interesses dos alunos monitores para o magistério no ensino superior. Tudo indica que aquela experiência foi tão importante para os estudantes, porque decidiram continuarem na docência.

O curso de Pedagogia da UFC seguiu um currículo e uma formação voltada para o tecnicismo pedagógico. Porém, com a instituição da monitoria foram agregados novos elementos à formação docente. Uma formação voltada para o magistério em uma época onde a liberdade de expressão era negada. O curso de Pedagogia se adequava a um

currículo voltado para trabalhar e pensar a educação como saber-fazer, a demonstrar ser a monitoria um instrumento importante na formação docente e um diferencial para a escolha do magistério, pelos alunos.

Os protagonistas dessa pesquisa são os alunos monitores da década de 1970 que tiveram a oportunidade de escrever a história do Curso Pedagogia da UFC, por meio de suas memórias docentes.

O presente estudo tem uma abordagem historiográfica. Foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, análise documental e revisão bibliográfica. Na segunda, foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas visando recuperar, por meio de reminiscências, o passado pensado dos sujeitos que participaram daquela experiência didática e institucional. Na medida em que as falas geraram narrativas, como história de vida docente, foi possível entender a monitoria como o alicerce de sustentação da opção à carreira do magistério superior

Após colher narrativas com alunas monitoras, hoje professoras aposentadas, que vivenciaram a monitoria na UFC é possível perceber o grau de importância dado aquela experiência para despertar interesses pela docência no ensino superior.

Esse estudo sobre a monitoria do curso de Pedagogia da UFC na década de 1970 é importante para se compreender o caminho percorrido na formação docente. É justamente no percurso percorrido pelos sujeitos escolares que se pode entender como a formação em Pedagogia foi suficiente pensada para dar vazão aos novos quadro docentes da própria instituição de ensino.

### **O Curso de Pedagogia no Brasil**

Existem vários percursos pelo qual o curso de Pedagogia no Brasil caminhou até encontrar a sua finalidade. São muitas histórias de lutas, indefinições, crises de identidade e interesses sociais que permeiam a trajetória do curso. Mais que refletir sobre esses sinuosos caminhos percorridos, precisa-se ter um aporte teórico sobre a prática pedagógica em cada época da educação brasileira, justamente para compreender os avanços e os retrocessos.

No cenário da Educação Superior no Brasil a Pedagogia, propriamente dita, é instituída na década de 1930. Até então tínhamos “práticas educativas” decorrentes da formação proposta pelas Escolas Normais. A Pedagogia é da década de 1930 no Brasil. Sobre a gênese, Brezezinski (1998, p.18) aborda da seguinte maneira:

O curso de pedagogia no Brasil foi criado na década de 1930, época propícia para a manifestação de fatos educacionais circunscritos aos debates sobre a criação das primeiras universidades brasileiras. Esses fatos educacionais são também consequência do conjunto de acontecimentos socioeconômicos e culturais da década, marcada inicialmente pela eclosão da Revolução de 30 (BREZEZINSKI, 1998, p. 18).

A autora clareia como surge o Curso de Pedagogia e ambienta-o historicamente. O debate sobre a criação das universidades brasileiras aconteceu na sociedade brasileira, muito tardiamente. Já se tinha alguma forma de educação no país, mas, não havia um debate mais aprofundado sobre a temática.

Segundo o Decreto-lei nº 1190/1939 em seu primeiro artigo, essas seriam as finalidades da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Art. 1º A Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, instituída pela Lei n. 452, de 5 de julho de 1937, passa a denominar-se Faculdade Nacional de Filosofia. Serão as seguintes as suas finalidades:

- a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades de ordem desinteressada ou técnica;
- b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal;
- c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura, que constituam objeto de ensino. (Brasil, 1939)

Percebe-se que no item A se tem uma preocupação em preparar os docentes em um nível intelectual mais forte. O que demonstra a preocupação com a formação mais consistente e voltada para a sala de aula. Também, nesse mesmo item, o decreto trás a questão do técnico em educação, que justamente eram os administradores escolares, os inspetores escolares e outros especialistas relatados anteriormente no item A. No item B ele deixa bem claro que a preparação para o magistério era voltada par ao ensino secundário e o ensino normal. Há uma preocupação com a base da educação nesse sentido, ao englobar todas as séries. Pensa-se em formar o professor na base da educação. Por último, o item C tratava justamente de um traço que é peculiar do ensino superior: a pesquisa.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tem algumas secções que está no seu segundo artigo. É nessa secção do Decreto-Lei 1190/1934 que se encontra o curso de Pedagogia

Art. 2º A Faculdade Nacional de Filosofia compreenderá quatro secções fundamentais, a saber:

- a) secção de filosofia;
  - b) secção de ciências;
  - c) secção de letras;
  - d) secção de pedagogia.
- Parágrafo único. Haverá, ainda, uma secção especial de didática.  
(Brasil, 1934)

Em seu artigo terceiro diz que a Pedagogia é um curso ordinário, onde se faz constituir uma harmonia entre os conjuntos de disciplinas. Essas disciplinas após serem estudadas resultarão em um diploma. Dá-se a entender que após essa formação no nível superior e com o título em mãos, o discente estaria preparado para exercer o magistério na rede de ensino.

Aprofundando mais um pouco sobre a lei, encontro o primeiro currículo do curso de Pedagogia. Em seu artigo 19 ele trata da duração do curso, que será de três (3) anos, cada ano é denominado como série, e têm as seguintes disciplinas ((Brasil, 1934)

Primeira série

1. Complementos de matemática.
2. História da filosofia.
3. Sociologia.
4. Fundamentos biológicos da educação.
5. Psicologia educacional.

Segunda série

1. Estatística educacional.
2. História da educação.
3. Fundamentos sociológicos da educação.
4. Psicologia educacional.
5. Administração escolar.

Terceira série

1. História da educação.
2. Psicologia educacional.
3. Administração escolar.
4. Educação comparada.
5. Filosofia da educação.

Percebe-se que há uma preocupação com a situação sócio-histórica, política do aluno e sua aprendizagem. São disciplinas de história, sociologia, filosofia e psicologia. A área técnica também se faz presente nesse currículo com a disciplina de administração escolar. Na área de exatas tem-se a matemática e estatística. Um currículo, por mim, considerado bom e bem adequado para aquele contexto histórico. E são essas disciplinas que irão preparar o técnico em educação. Mas, ainda falta uma coisa essencial para o curso de pedagogia: a didática. Ela estava em uma secção separada das séries iniciais. Veja o que diz o artigo 20 (Brasil, 1934)

Art. 20. O curso de didática será de um ano e constituir-se-á das seguintes disciplinas:

1. Didática geral.
2. Didática especial.
3. Psicologia educacional.
4. Administração escolar.
5. Fundamentos biológicos da educação.
6. Fundamentos sociológicos da educação.

Mas, por que isso? Cabe aqui uma explicação. Esse currículo era conhecido como três mais um (3+1). Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, o currículo seria assim por que:

Seguindo este esquema, o curso de Pedagogia oferecia o título de bacharel, a quem cursasse três anos de estudos em conteúdos específicos da área, quais sejam fundamentos e teorias educacionais; e o título de licenciado, que permitia atuar como professor, aos que, tendo concluído o bacharelado, cursassem mais um ano de estudos, dedicados à Didática e a Prática de Ensino. (Brasil, 2005)

Percebe-se que há duas formações para os pedagogos: em três (3) anos poderiam ser bacharéis, ou técnicos em educação; com mais um (1) ano, poderiam estar aptos, com o bacharelado incluso, a serem professores e lecionarem no ensino secundário, principalmente nas Escolas Normais. Era um leque de oportunidades que a formação em pedagogia dava aos futuros ingressantes nesse curso. A formação era bem consistente e visava um profissional completo, no seu sentido educacional. Caso não quisesse atuar em sala de aula, seria um técnico e poderia colaborar na gestão escolar, como orientador, supervisor ou gestor. Se o pedagogo fosse para o magistério, teria mais um ano estudando profundamente a didática e a prática de ensino.

Essa forma curricular que é praticada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras é oficializada por outra lei. No dia 26 de Março de 1946, é publicado pela Presidência da República o Decreto-Lei Nº 9.092, que ratifica o esquema três mais um (3+1). A partir do Artigo 2º até o inciso 2º do Artigo 4º, determina como será a aplicação curricular pedagógica:

Artigo 2º O diploma de licenciado ou de bacharel em novo regime será conferido após quatro anos de estudo, de acordo com as condições dos artigos 3º e 4º.

Artigo 3º Nos primeiros três anos os alunos seguirão um currículo fixo de cadeiras, cuja discriminação será atual ou objeto de instruções baixadas pelo Ministério da Educação e Saúde.

Artigo 4º No quarto ano de curso os alunos optarão por duas ou três cadeiras ou cursos, dentre os ministrados pela faculdade.

Inciso 1º Para obter o diploma de licenciado, os alunos do quarto ano receberão formação didática, teórica e prática, no ginásio de aplicação e serão obrigados a um curso de psicologia aplicada à educação.

Inciso 2º Os que não satisfizerem as exigências do parágrafo anterior receberão o diploma de bacharel. (Brasil, 1946)

Falando agora especificamente do pedagogo licenciado, o Decreto-Lei 1190/1939 relata sobre a prática docente.

Art. 40. O ensino será ministrado em aulas teóricas, em aulas práticas e em seminários.

§ 1º As aulas teóricas visarão a exposição sistemática das disciplinas.

§ 2º As aulas práticas, que se realizarão em laboratórios, gabinetes ou museus, visarão a aplicação dos conhecimentos desenvolvidos nas aulas teóricas.

§ 3º Os seminários serão reuniões periódicas do docente com um grupo de alunos, para a realização de colóquios sobre um tema relacionado com as disciplinas ensinadas. (Brasil, 1939)

Pode-se notar que o decreto-lei tem a preocupação de unir teoria e prática. Quem realmente quisesse seguir para o magistério teria que cursar um embasamento teórico forte e, também, conhecer a realidade na qual atuaria como professor. Os espaços escolares eram múltiplos, isto é: não somente em sala de aula que se aprende, mas nos ambientes externos. As aulas teóricas eram expositivas, sem nenhuma novidade pedagógica. A novidade eram os seminários. Seria uma forma diferenciada de se apresentar o conteúdo estudado, sendo exposto pelo professor em sala de aula.

E com relação à pedagogia da UFC? Sua história começa com o I Seminário Anual dos Professores, em 1958. Em seus Anais Científicos, o Seminário recomendou:

1. Criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da própria universidade, em cuja organização, tendo em vista as recomendações do Tema do Segundo, se tenham o cuidado de evitar que o objetivo de preparar pesquisadores venha em detrimento da formação didática do professor secundário e vice-versa.
2. Empenho da Universidade, sobretudo através da formação de pessoal habilitado para a implantação de serviços de orientação educacional nos estabelecimentos de ensino médio.
3. Participação da Universidade em todos os movimentos que visem à valorização da profissão de professor secundário (Fortaleza, 1958)

Assim nasce a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Ceará. Esse Seminário ocorreu em 1958, quando o seu nome era Universidade do Ceará. O seminário era um planejamento visando à ampliação e crescimento da instituição. Na Gestão do Reitor Antonio Martins Filho, os outros professores estavam preocupados com a relação didática dentro da universidade. Faltava-lhes algo que tratasse melhor essa relação. Então, foi criada a faculdade com esse intuito, ampliar os horizontes dentro do ambiente acadêmico. Mas, a faculdade que nascia já tinha seu propósito: formar professores habilitados para o ensino secundário. Além de ampliar o campo educativo, ela também nascia com essa finalidade de formação de professores, incluindo a formação do pedagogo.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tinha um objetivo principal. Esse objetivo, segundo Martins Filho (1996, p. 92) era:

Assim, com uma bem fundamentada Exposição de Motivos, encaminhamos ao Ministério da Educação e Cultura o pedido da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com métodos de organização que lhe asseguravam a posição de escola central da Universidade (MARTINS FILHO, 1996, p. 92).

A Faculdade de Filosofia tinha em seu direcionamento: gerir, formar e difundir as práticas pedagógicas e culturais dentro da universidade. Ela nasceu com esse princípio e objetivo. Faltava algo à universidade nesse aspecto, e o reitor Antonio Martins Filho percebeu e já no seminário acenou com a possibilidade da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFC, só é pensada em 1958, em um seminário avaliativo que a UFC fez. Nesse seminário eram apontados os caminhos que a UFC deveria trilhar. Em 1961 com a Resolução Nº 102/61, é criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFC. Após dois anos, em 1963, ela inicia seus trabalhos acadêmicos. Surge a primeira turma do curso de Pedagogia da UFC.

### **O curso de pedagogia da UFC e sua proposta educacional.**

O primeiro objeto de pesquisa foi localizar os primeiros alunos do curso de pedagogia da UFC da turma de 1963. Mas, com o caminhar do Mestrado em educação brasileira, acabei me deparando com outros sujeitos em uma época interessante para a formação do pedagogo. Então na abordagem desse tópico explanarei sobre o curso de pedagogia, fazendo um pequeno destaque histórico, para depois introduzir as suas propostas educacionais, de 1963 a 1971, passando inevitavelmente por: leis, decretos, currículos e umas das raríssimas fontes sobre o curso de pedagogia.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nasceu em 1961 com a Resolução Nº 102/61, quando se dava a implantação do seu primeiro Regimento da UFC. E assim começa a história do curso de Pedagogia. Havia cursos preparatórios para entrar na faculdade, pode-se dizer que um cursinho pré-vestibular.

A graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Ceará tinha seu embasamento teórico nas três primeiras séries cursadas ao longo do período. A parte relacionada com a prática ficava para a última etapa, ou, quarta série. Segundo o que os autores apresentam, com a faculdade nasce o Colégio de Aplicação, que mudaria de nome para Colégio de Experimentação e Demonstração, voltado justamente para a prática dos conhecimentos adquiridos após as três séries cursadas. Mas o que, especificamente, seria vivenciado nesse colégio? Aqui se tem duas visões: a do Regimento da Faculdade e a ideia inicial de Valnir Chagas para essa instituição. Apresento a ideia inicial dada por Valnir Chagas:

O atual Colégio de Aplicação passa a “Colégio de Experimentação e Demonstração”, convertendo-se de mera vitrine pedagógica num centro ativo de pesquisas educacionais. Ali farão os alunos as primeiras observações que mais tarde, sob a supervisão dos respectivos orientadores e o controle do Departamento de Educação da Faculdade, levarão aos educandários públicos ou privados em que estiverem servindo, como autênticos veículos de uma renovação dos padrões escolares do meio (CHAGAS, 1961, p. 80-81).

Esse colégio seria, segundo Chagas, uma escola onde os alunos já sairiam preparados para atuarem nas escolas de Fortaleza. Eles poderiam ter contato com a prática da sala de aula sem saírem da universidade. Uma ideia bem interessante, tendo em vista que, a distância entre a teoria e a prática ainda é um dos gargalos das licenciaturas atualmente.

O primeiro currículo preparado para a formação do pedagogo é de 1961 a 1964 e apresenta, em linhas gerais, as primeiras disciplinas cursadas pelos alunos, já contendo as disciplinas obrigatórias e optativas, havendo variações ao longo desse período. O currículo era composto das seguintes disciplinas:

Geografia, História, Psicologia, Sociologia, Economia, Antropologia, Fundamentos da Educação, Pesquisa, Biologia (Fisiologia), Filosofia da Educação, História da Educação, Administração Escolar, Estatística, Didática e Planejamento, Níveis de Ensino, Orientação Educacional, Educação Comparada, Ensino Normal, Higiene Escolar, Educação Brasileira, Estágio e Educação Especial (FERNANDES, 1991, p. 54).

O currículo mínimo, tanto para a pedagogia quanto as outras licenciaturas, estava presente nas oito primeiras disciplinas. Eram essas disciplinas estudadas por todo o então conhecido currículo mínimo.

A partir da Filosofia da Educação começaria a divisão para quem fosse para o bacharelado ou a licenciatura. As disciplinas: Administração Escolar, Estatística e Orientação deveriam ser para os alunos que quisessem ser os técnicos em educação. Já as disciplinas de Didática e Planejamento, Níveis de Ensino, Ensino Normal e Estágio ficariam para os

alunos interessados na formação do licenciado. Interessante saber que no currículo continha uma disciplina de Higiene escolar da área da Biologia. A Educação Especial, não sabia que o esse assunto que é amplamente debatido atualmente, já constava como uma disciplina da pedagogia. Mas, Educação Especial contemplava duas áreas: Educação de Adultos e Excepcionais. Como o analfabetismo no Nordeste tinha níveis altíssimos para a época, provavelmente a Educação Especial voltada para os adultos era tida como especial, sendo assim “e à educação de adultos, talvez por influência dos movimentos de alfabetização de adultos da época” (FERNANDES, 1991, p. 55).

O curso de pedagogia surge inicialmente agregado do Departamento de Educação, já previsto no Regimento da Faculdade. O departamento de educação nasce setorialmente assim: Teoria e Fundamentos, Métodos e Técnicas, Organização e Administração Escolar e Orientação e Educação de Excepcionais (FERNANDES, 1991, p. 58). Essa estrutura ficaria assim dividida até 1968. Após essa data, foi criada a Faculdade de Educação.

Era um profissional mais teórico do que prático. Percebe-se que a pedagogia sempre teve um problema de se encontrar dentro das licenciaturas. Afinal, como esse profissional poderia estar preparado para a sala de aula? Uma teoria sem o balizamento da prática se torna praticamente impossível atender as necessidades educativas exigidas pela escola desse contexto. É muito importante a teoria para alicerçar uma prática. Mas aqui, havia uma supervalorização da teoria em detrimento da prática. Teoria e prática são indissociáveis.

### 1. **Relato da experiência de monitoria sob a ótica dos sujeitos.**

As entrevistas com as ex-alunas foram livres para que discorressem aquilo que sua experiência de vida pudesse lembrar. As perguntas foram focadas em cima vivência da monitoria e na decisão pelo magistério. A identidade das docentes está preservada, por uma questão de ética na pesquisa. Por isso, apresentam-se no texto como professora A, professora B e professora C, a partir de uma pergunta lançada, qual o sentido da monitoria para aqueles alunos que experimentaram aquele programa institucional na década de 1970 e, a partir de tal experiência, como decidiram pela docência no ensino superior.

#### **Professora A:**

Eu iniciei no segundo semestre de 1970. Como aluna eu fui convidada para ser bolsista de trabalho. Minha bolsa de trabalho era na biblioteca. A biblioteca era setorial, aqui da Faced, ela era só nossa. Fui ser bolsista da biblioteca em 1969. No segundo semestre de 70, salvo engano, o professor Adil Dalago teve uma oferta de uma bolsa de monitoria pra ele ser o orientador, e ele disse que eu tinha que sair da biblioteca. Eu até lamentei por que eu me apaixonei pelo trabalho da biblioteca, chegou pra me convencer dizendo: você não é bibliotecaria, você é pedagoga. Você tem que trabalhar é na pedagogia. Eu fiz seleção pra psicologia e foi o que foi determinante para o meu trabalho como docente. (ENTREVISTA CONCEDIDA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, NO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 2014)

#### **Professora B:**

Antes de revelar o impacto do Programa de Monitoria da UFC – o encontro acadêmico na formação - gostaria de destacar o cenário acadêmico vivido na UFC, em 1973, ano que registrava poucas oportunidades de bolsas. Neste caso, a oficialização do referido Programa demarcou um avanço diante dos rituais e regras do sistema educacional vigente. Ser monitor – representava domínio de conhecimentos e destaque no meio universitário. Era um valor pois oportunizava estudos em uma área específica, o direito a uma formação tutorial orientada para a docência no ensino superior e um significado curricular. Ser MONITORA àquela época, representava a oficialização da convivência com o lado oculto da docência pois até então éramos apenas alunos...e com esta vivência passávamos a discutir relações, fases e faces da docência...o ensino e a aprendizagem. A pesquisa e a extensão eram incorporadas como parte da docência.

Diante destas considerações, eis o encontro desejado- ser monitora. O Concurso foi oficializado no flanelógrafo da Faculdade de Educação, sendo todo o processo coordenado pela Pró-Reitoria de Graduação e o Colegiado da Fac.de Educação, nessa época integrante do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA). Como éramos alunas do turno vespertino da Pedagogia, única turma até então, diante da listagem das vagas ofertadas: Sociologia da Educação, Psicologia da educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Psicopatologia, dentre outras optei pela área de Sociologia da Educação ministrada pela Dra. Zélia Sá Viana Camurça para a qual tivemos muitos candidatos e neste processo fui selecionada e contratada para o período de 1(um) ano. Interessante destacar que nossa turma pode concorrer as vagas e obter aprovação em todas as ofertadas, dessa forma vivíamos o dia inteiro na FACED. O nosso contrato era de 12 horas mas aproveitávamos os horários livres para orientar os alunos, quando nos procuravam, e também para estudar no silêncio do gabinete do nosso orientador. (ENTREVISTA CONCEDIDA VIA E-MAIL NO DIA 13

DE FEVEREIRO DE 2014)

### **Professora C:**

Tem que pensar que eu entrei na faculdade na década de 70, me março de 70. Foi o primeiro grupo que entrou por concurso. Eu fiquei de março de 70 até junho de 71 ensinando. Depois, 71 até 73, final de 73; aliás, eu sai no meio do ano de 71 e voltei no meio do ano de 73, fui fazer o mestrado. Quando eu voltei, dois anos depois, ou seja, em 75 no segundo semestre eu já sai para o doutorado. A década de 70 pra mim foi uma década de muita preparação, de muito estudo. Mas, eu não trabalhei como monitora. Eu já era professora. Agora, na década anterior, nos anos 60, enquanto eu cursei a faculdade eu funcionei como uma espécie de monitora voluntária pra dois professores: para a professora Zélia Sá Viana Camurça e para o professor Antonio Gomes Pereira. Durante 66 e 67 eu já funcionei como monitora. Agora, a partir dos anos 70 quando eu voltei já do doutorado, apesar de eu ter feito o doutorado em três etapas: fiz os cursos, voltei; fiz a pesquisa, voltei; depois, fui defender a tese. Quando eu voltei do doutorado eu tive várias monitoras. Não. Era voluntário e não teve seleção. (ENTREVISTA CONCEDIDA NA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA UFC, NO DIA 14 DE FEVEREIRO DE 2014)

No decorrer de cada fala vai sendo notada a importância da experiência da monitoria. Por ser um programa oficial havia um teve um processo seletivo. Menos para a professora C. No seu caso, ela foi monitora voluntária no final da década de 1960, mesmo antes da lei de monitoria entrar em vigor no Brasil. Ela prefere ser chamada de auxiliar de sala de aula. Mas os aspectos vividos foram os mesmos de uma monitoria. Havia uma seleção para poder ingressar na monitoria. Pelo menos duas, das três entrevistadas, relataram isso.

### **Conclusão**

Mesmo com um currículo impositivo da época e voltado para formar o especialista, a monitoria se mostrou mais eficaz na formação do pedagogo para a sala de aula. Mesmo com um problema identitário sobre qual é o papel do pedagogo nas licenciaturas, a monitoria se mostrou mais eficiente no quesito formar para a docência. O currículo tecnicista que formava o especialista não apresentou tantas características que preparavam para a docência, mesmo tendo em seu corpo algumas disciplinas como didática e estágio. Foi a monitoria que proporcionou um aprofundamento melhor sobre a docência. Ela permitiu que essas alunas tivessem outro olhar sobre ser professor.

Senão fosse a experiência da monitoria na vida dessas alunas, com certeza, muitas não teriam enveredado pelo caminho do magistério. Claro que falo na docência no ensino superior. Mas, foi essa experiência que fez o grande diferencial na vida delas. Essa aproximação com a realidade da sala de aula proporcionou o que nenhuma outra formação propunha na época: uma vivência na práxis pedagógica. Por que foi na práxis pedagógica que elas puderam ver como é e o que faz os professores. Conheceu os vários estilos didáticos de se ministrar uma aula. Puderam ajudar no planejamento. Ajudar tirando as dúvidas dos colegas de sala. Passaram por uma seleção rigorosa para serem monitoras. Seleção que atualmente é aplicada para quem quer ser professor universitário.

Tudo isso contribuiu para que elas optassem pelo magistério. Puderam conhecer a sala de aula antes mesmo de terminar o curso. Apenar do currículo tecnicista que as preparava para ser especialista, a prática da sala de aula não era o mais importante na época.

Como toda teoria precisa de uma prática, e vive-versa, a monitoria juntou as duas coisas e fez com que se tornasse uma experiência prazerosa. Para, além disso, o contato com o professor orientador despertou também o lado educativo dessa relação fraterna. Não era simplesmente uma relação professor-aluno, era uma relação de troca de experiências e conhecimentos. Cada um contribuía com o trabalho do outro. Ia se solidificando e transformando essa troca na prática da sala de aula. Mostrando assim que a boa relação professor-aluno dá muito frutos e pode ajudar a construir muitas pontes entre o ensino e a aprendizagem. A monitoria foi essencial na escolha pela docência no ensino superior.

### **Referências**

**A universidade do Ceará:** imprime novos rumos à educação e cultura. Separata de Anais Científicos. Número 68. Junho, 1956.

ARAÚJO, Kátia Saione Santos. **O CURRÍCULO E SEUS ENTRAVES.** EDUCERE 2008.

BRASIL. **Lei nº 5.540**, de 28 de Novembro de 1968.

\_\_\_\_\_ **Lei nº 4.024**, de 20 de Dezembro de 1961.

\_\_\_\_\_ **Decreto-Lei nº 1.190**, de 4 de Abril de 1939.

\_\_\_\_\_ **Lei n. 4.024**, de 20 de dezembro de 1961.

\_\_\_\_\_ **Decreto-Lei nº 1.190**, de 4 de Abril de 1939.

\_\_\_\_\_ **Decreto nº 66.315**, de 13 de Março de 1970.

\_\_\_\_\_ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei N. 5.692**, de 11 de agosto de 1971.

\_\_\_\_\_ **Fortaleza**, Resolução Nº 102/61. Universidade Federal do Ceará.

BREJON, Moysés. **Estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2º graus**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1985.

BRZEZINSK, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores**: Busca e movimento/ Iria Brzezinsk – Campinas, SP: Papirus, 1996. – (Coleção magistério: Formação do trabalho pedagógico).

CHAGAS, Valnir. **A Reforma Universitária e a Faculdade de Filosofia**. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza-CE. 1961.

CUNHA, Luiz Antônio. **O Golpe na Educação**/ Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes. – Rio de Janeiro – RJ. Ed. Tavares e Tristão LTDA. 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1997. 2º edição. Livraria Francisco Alves Editora S.A.

FERNANDES, Maria Estrela Araújo. **O curso de pedagogia da UFC**: uma resenha histórica. Fortaleza-Ce. 1993.

FURTADO, Ana. **Psicologias. Uma introdução ao estudo de Psicologia**/ Ana Furtado, Odair e TEIXEIRA, Maria. São Paulo: Saraiva, 1992. pág. 38-47

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**/ José Carlos Libâneo. – São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção magistério – 2º grau. Série formação de professor)

MARTINS FILHO, Antônio. **História abreviada da UFC**/Antônio Martins Filho, - Fortaleza: Casa José de Alencar/ Programa Editorial, 1996. 220 p. (Coleção Alagadiço Novo, 75).

MORANDI, Franc, **Introdução à pedagogia**/ Franc Morandi; [tradução Lia Zatz]. – São Paulo: Ática, 2008.

PARÁ, Centro Universitário – CESUPA. **Guia do Professor Orientador Monitoria**. 2007.

SANTOS, Mirza Medeiros dos. **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidades e trajetórias/ Organizadores: Mirza Maria dos Santos e Nostradamus de Medeiros Lins. – Natal, RN: EDUFN – Editora da UFRN, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**/ Dermeval Saviani. – 2. Ed. rev. e ampl. - Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção memória da educação).

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Consciência e ação sobre a prática da libertação dos professores**. Profissão Professor. Organização de Antonio Nóvoa. – Porto – Portugal: 1999. Porto Editora.

TARDIFF Maurice. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas/Maurice Tardiff, Claude Lessard; tradução de João Batista Kreuch. 3º Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

[1] Flávio Muniz Chaves: Doutorando em Educação Brasileira pela Linha de Pesquisa de História e Memória da Educação (NHIME) - Universidade Federal do Ceará; Mestre em Educação Brasileira - UFC, Especialista em Educação de Jovens e Adultos para o Sistema Prisional (convênio UFC/MEC/SEJUS) e Pedagogo - UFC. E-mail: flavioufc2@gmail.com

[1] José Melinho de Lima Neto: Coordenador Pedagógico e Professor da Escola Fundamental Raimundo Sotero de Moura (Pacajus - CE). Graduado em Matemática pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2006). Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Foi monitor da disciplina de Estruturas Metálicas (2009). Tem experiência na Área de Educação Fundamental , com ênfase em Ciências Exatas e Naturais.

[1] Francisco Ari de Andrade: Professor Adjunto III (DE), do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação - FACED, da Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira - PPGE (Mestrado e Doutorado), da linha de pesquisa História e Memória da Educação, do eixo História da Educação, Política e Sociedade brasileira do PPGE-FACED-UFC. Doutor em Educação Brasileira pelo PPGE-FACED-UFC. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação do Ceará - GEPHEC. Desenvolve Estágio de Pós-Doutorado com o prof. Bernard Charlot.

Recebido em: 15/06/2015

Aprovado em: 15/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: